

# IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA SEQUÊNCIA TEMPORAL NO DISCURSO NARRATIVO: PROBLEMAS DE COERÊNCIA TEXTUAL NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA\*

SOUSA, Maria Naiara Vasconcelos [naiaravasconcelos2009@hotmail.com](mailto:naiaravasconcelos2009@hotmail.com)

Bolsista do PIBID2009\UVA\CAPES

VIANA, AntoniaAdríciaRodrigues

[adricia\\_ipu@hotmail.com](mailto:adricia_ipu@hotmail.com)

Bolsista do PIBID2009\UVA\CAPES

Orientadora: ARAÚJO, Maria Soares de.

[msaraujo66@yahoo.com.br](mailto:msaraujo66@yahoo.com.br)

Prof. Mestre da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

## RESUMO

Atividades de intervenção na escola, desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID2009-CAPES, de acordo com o subprojeto de Letras-Português\Literatura, por meio do projeto institucional da Universidade Estadual Vale do Acaraú, foram ações que desencadearam esta pesquisa. Durante intervenções do Programa Institucional de Iniciação à Docência- PIBID, os bolsistas do referente programa atuaram na área de língua portuguesa com alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Elza Goersch, situada na cidade de Forquilha-Ce. Os estudos da narrativa é um dos domínios exigidos pela grade curricular. Os estudos em sala de aula atuaram por meio de aulas expositivas sobre narrativa, com conceitos, características e diversos exemplos, na sequência didática, os alunos no final eram solicitados a produzirem uma narrativa com tema livre. Cerca de 70 redações foram arquivadas e avaliadas e uma das principais dificuldades na produção das mesmas foi o uso dos tempos verbais. Os alunos na produção da narrativa misturamtempos do mundo narrado com tempos do mundo comentado, de forma não intencional, gerando um problema para a coerência na construção da sequência discursiva da narrativa. Weinrich (1964) nos diz que ao mundo narrado, pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; tratando-se de eventos relativamente distantes, que, ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma forma mais “relaxada.” Ao mundo comentado pertencem alírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário, enfim, por via negativa, todas as situações comunicativas que não consistem, apenas, em relatos, e que apresentam como característica a atitude tensa: a tensão é constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afetam diretamente. Podemos dizer ainda que o mundo comentado aproxima-se do diálogo direto, usando, geralmente, verbos no presente, enquanto que o mundo narrado se constitui por meio de um diálogo indireto ou distanciamentos deste diálogo por isso usam-se os verbos no passado. Como vimos,a narrativa pertence ao mundo narrado. Os alunos colocam em seus textos verbos no pretérito imperfeito começando a narrativa, mais à frente usam verbos no presente do indicativo, ou vice-versa, deixando de ser porta-voz da enunciação para assumir a sua própria voz. Isto tem causado uma interrupção na progressão temática da sequência narrativa, quando se está construindo as ações que vão conduzir a história e a atitude comunicativa do papel do narrador, pois este passa a assumir o papel de comentarista, o que poderá prejudicar a mensagem que o texto pretende repassar ao leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Sequência temporal. Coerência.

## INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos de um texto é produzir um efeito de comunicação sobre aquele que o lê, para isso, o mesmo deve ser escrito de forma coerente, seguindo certos procedimentos relevantes na escrita. O propósito desta investigação é proporcionar aos estudantes e educadores este tipo de discussão, fazendo uma análise

das narrativas escritas pelos alunos da Escola Básica, em específico, a Escola Elza Goersch.

Percebemos nas narrativas dos estudantes do 1º ano do ensino médio da Escola Elza Goersch, localizada na cidade de Forquilha- Ce, que uma das dificuldades mais presentes ao produzir uma narrativa ocorre no uso dos tempos verbais. Os alunos começam a narrativa com verbos no pretérito imperfeito ou perfeito simples do indicativo e logo após, no mesmo parágrafo, usam verbos no presente do indicativo, ou vice-versa, misturando assim o mundo narrado com o mundo comentado.

Weinrich (1964) nos diz que ao mundo narrado, pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; tratando-se de eventos relativamente distantes, que, ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais “relaxada.” Ao mundo comentado pertencem a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário, enfim, por via negativa, todas as situações comunicativas que não consistem, apenas, em relatos, e que apresentem como característica a atitude tensa: nelas o falante está em tensão constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afetam diretamente.

Assim, podemos perceber que a narrativa, obviamente, pertence ao mundo narrado, mas os alunos, sem intenção, acabam transportando-a ao mundo comentado; o que, como vimos acima, possui determinadas divergências e pode comprometer a compreensão e a mensagem que o texto teria de repassar.

## **OBJETIVO**

Indicar os problemas de incoerência causados pela inadequação do uso articulado do tempo verbal na construção da sequência do discurso narrativo em produções escritas dos alunos, alertando para a importância dos efeitos de sentido produzidos por este recurso que é o tempo discursivo e para a questão da revisão que deve se voltar para questões discursivas do texto.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho discute resultados de análises de textos narrativos de alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Elza Goersch, localizada na cidade de Forquilha- Ce. Primeiramente, os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID ministraram aulas com a explicação do conceito, características e exemplos de diversas narrativas; logo após os alunos foram solicitados a produzir textos narrativos com temas livres. Cerca de 70 redações foram corrigidas e, nas mesmas, pudemos notar que os produtores (alunos) não atenderam a todas as expectativas do leitor de uma narrativa que articula elementos linguísticos e sócio-históricos. Avaliamos as implicações que afetavam o sentido da sequência temporal do discurso narrativo. Percebemos que o problema estava na articulação no uso dos tempos verbais. Comentamos as inadequações, principalmente, com o uso dos tempos verbais, já que a maioria não soube articulá-los na sequência do discurso narrado.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A abordagem que orienta esta análise investigativa do texto narrativo tem como apoio a teoria do texto, com base nos estudos do gênero em Marcuschi (2008) que explica a importância do discurso e do contexto de interação para a análise da coerência.

A teoria do discurso e da argumentação revista por Koch (2007) quando trata os elementos linguísticos do texto como fatores de coerência argumentativa, pelo emprego dos tempos verbais no discurso, e pelo caráter interlocutivo que o discurso manifesta, visando o entendimento do receptor da mensagem. A teoria do gênero narrativo que entende sobre os fundamentos que norteiam os domínios discursivos que são necessários aos conhecimentos para produzir narrativas ou histórias de ficção. A abordagem de Weinrich (1964) que trata dos tempos do discurso comentado e narrado no estudo do argumento do texto. Aos estudos sobre texto de Koch e Travaglia (1989) quando explicam que o discurso se refere a toda e qualquer atividade comunicativa com o uso do texto.

## 1. CONDIÇÕES DE PROCESSAMENTO DA INTERAÇÃO NA PRODUÇÃO DO DISCURSO NARRATIVO

Ao produzir um texto, é necessário levarmos em conta as experiências e expectativas do público ao qual queremos atingir, mas, infelizmente, muitos alunos ao escreverem não se preocupam com os leitores de seus textos, escrevem apenas para si, deixando, dessa forma de manter uma interação comunicativa com o seu público.

Para escrevermos um texto é necessário que entendamos o papel que o discurso desempenha, portanto, veremos uma breve definição do que seria um discurso e um texto nas concepções de Koch e Travaglia (1989, p. 8 e 9). “**Discurso** é toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação\_ ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo\_ como também o evento de sua enunciação. O **texto** será entendido como uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor /ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade e sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.” Dessa forma, o texto será o resultado, o produto concreto da atividade comunicativa que se faz seguindo regras e princípios discursivos socio-historicamente estabelecidos que têm de ser considerados.

Os alunos do 1º ano do ensino médio foram solicitados a produzirem narrativas sobre um tema livre. Ao escreverem as narrativas deixaram de cumprir com as expectativas do leitor, pois não desempenharam o papel do discurso.

O aluno como produtor de um texto deve entender que um texto se faz pela negociação com o leitor do que deve ser dito. Sabemos que toda produção concreta do texto precisa ser realizada, considerando o sujeito que produz com o intuito de atender as expectativas de um sujeito leitor por meio de conhecimentos manifestados naquilo que é discutido.

Ao escrever, devemos ter uma direção específica, já que um texto não serve apenas para comprovar conhecimentos, como muitos alunos acham, e sim para atender a um propósito comunicativo.

Quando solicitamos a um aluno a elaboração de uma narrativa, esperamos que o mesmo escreva coerentemente, seguindo certos padrões, suprindo as expectativas de seus leitores, mas grande parte dos textos são iniciados de uma forma (no presente, por exemplo, e com um começo feliz) e de repente são trocadas as suas formas verbais, o desenlace da história; o que faz com que seus textos tornem-se quase que

incompreensíveis, sem um desenvolvimento coerente ao desfecho que “prometia”o suspense da história.

## **2.BREVE ENFOQUE SOBRE AS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS QUE COMPÕEM A NARRATIVA**

A estrutura de cada sequência distingue-se pela composição de um conjunto de recursos cognitivos responsáveis, em parte, pela produção do texto. Para Adam (1999), os índices materiais presentes em sua produção textual funcionam essencialmente, como instruções destinadas a orientar o leitor em suas interpretações.

Uma adequada sequência narrativa, em termos de coerência discursiva, deve vir conforme os princípios e regras básicas que compõem suas características do saber contar. Ainda na concepção de Adam (cf., 1992), podemos entender que a sequência *narrativa* apresenta as seguintes proposições: 1. *Situação inicial* \_ parte da narrativa que situa o leitor no que se refere à pessoa, lugar, tempo, situação comportamental. É facultativa a sua ocorrência; 2. *Complicação*\_ corpo da narrativa propriamente dita, onde se dá a trama. Trata-se da parte indispensável da narrativa; 3. *Resolução* \_ segmento em que ocorre o desenlace dos acontecimentos; 4. *(re)ações ou avaliação*\_ cada momento em que o narrador procura motivar o destinatário (ouvinte ou leitor) a valorizar o que está contando; 5. *Situação final*\_ parte que marca o final da narrativa; 6. *Moral* \_ constitui uma reflexão complementar ao todo do fato do narrado. Pode vir explícita (no final do texto) ou implícita.

Como foi abordado no item anterior, os alunos da educação básica não se atentam para seguir tais procedimentos e não mantêm um foco ao produzirem seus textos, pois entram em uma trama e não a resolvem no final da história, ou não produzem um desfecho coerente ao desenvolvimento do que escreveram no que confere a condução da sequência temporal no desenvolvimento das ações do texto.

Bonini (2002,p.180) nos diz que: “a narrativa, vista em seu esquema fundamental (situação, complicação e resolução), por exemplo, espelha a ordem dos fatos no mundo assegurada do tempo convencional como uma das bases da realidade.” Assim, é essencial que sigamos uma ordem ao produzirmos um texto narrativo, já que estamos narrando uma história.

Quanto a esta concepção, já há muito tempo proferida por professores no ensino básico de que narrar é contar uma história, vemos as dificuldades que podem trazer aos alunos, pois confundem uma narrativa com outros tipos de texto que possuem características parecidas, uma crônica, por exemplo. Para destacarmos a narrativa dentre os outros tipos ou gêneros textuais, Adam (1997:81) ressalta que a razão de uma narrativa é a ideia de tempo que articula-se como aspecto essencial dessa sequência, que é o “conflito”. Para este pesquisador, só há narrativas se houver conflito. Porém, é indispensável entender que na narrativa o conflito se estabelece ao longo do tempo, através de relações de causa e efeito. É todo esse procedimento que vai contribuir para se fazer a distinção entre outras sequências, que também poderão insinuar algum conflito, mas que não se caracterizam como narrativa.

Em seguida, abordaremos a importância dos tempos verbais na sequência da narrativa e como seu uso, se inadequado, poderá trazer dificuldades de compreensão.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: OS TEMPOS VERBAIS NA SEQUÊNCIA DO DISCURSO NARRATIVO

Em uma narrativa, a atitude comunicativa do narrador é desencadeada pela articulação dos tempos verbais do mundo narrado.

Para Weinrich (1964), os tempos verbais dividem-se em dois grupos:

**Grupo I:** \_ **presente** (canto), pret. Composto (tenho cantado), fut. Do pres. (terei cantado), além das locuções verbais formadas com esses tempos (estou cantando, vou cantar, etc.).

**Grupo II:** \_ **Indicativo: pret. perf. Simples** (cantei), **pret. Imperfeito** (cantava) e locuções verbais formadas com tais tempos (estava cantando, ia cantar etc.)

Weinrich afirma que do mesmo modo que os tempos verbais, as situações comunicativas se partem claramente em dois grupos, em cada um então, sua distinção entre o mundo comentado e o mundo narrado. É graças aos tempos verbais que empregamos que o falante apresenta o mundo\_ “mundo” entendido como possível conteúdo de uma comunicação linguística \_ e o ouvinte o entende, ou como mundo comentado ou como mundo narrado.

Ao mundo narrado pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; tratando-se de eventos relativamente distantes, que, ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais “relaxada.” Ao mundo comentado: pertencem a lírica, o drama, o diálogo, o comentário, enfim, por via negativa, todas as situações comunicativas que não consistam, apenas, em relatos, e que apresentem como característica a atitude tensa: nelas o falante está comprometido: tem de mover e tem de reagir e seu discurso é um fragmento em um ápice que, por sua vez, empenha o falante também em um ápice. Assim, entendemos que o grupo I pertence ao mundo narrado e a narrativa, assunto discutido neste estudo pertence, obviamente, ao mundo narrado.

Os alunos na produção da narrativa misturam tempos do mundo narrado com tempos do mundo comentado, de forma não intencional, gerando um problema de coerência na construção da sequência discursiva da narrativa.

Os mesmos colocam verbo no pretérito imperfeito ou perfeito simples do indicativo começando a narrativa, mais à frente usam o presente do indicativo, ou vice-versa, muitas vezes ainda no mesmo parágrafo:

#### **Trecho 01**

Um taxista estava fazendo fretes pela cidade, pois era seu primeiro dia de trabalho. Então ele para o carro para uma mulher que dá um sinal, então ele entrou no carro.

#### **Trecho 02**

Seu pai fica preocupado e saiu de casa à procura de Jaime na escola e não o encontra, então resolveram ligar para a professora e nenhum deles tem notícias deles.

Como vemos os dois trechos constituem relatos, pertencendo, portanto, ao mundo narrado.

No trecho 01, o texto é iniciado com verbos no pretérito imperfeito do indicativo (*estava*) que pertencem ao mundo narrado e ainda no mesmo parágrafo os verbos são transferidos para o presente (*entrou*) pertencentes ao mundo comentado. Já no trecho 02, os verbos são iniciados no presente (*fica*) e rapidamente são transportados para o pret. perf. simples do indicativo (*saiu*) fazendo com que ocorra a troca do mundo comentado pelo mundo narrado. A oscilação entre um evento distante e um evento próximo é evidente.

Este problema de misturar os tempos verbais pode ser prejudicial à compreensão do texto, pois dificulta a colocação do autor do texto, não podemos identificar a que posição ele pertence, já que o mesmo deixa de ser porta-voz da enunciação para assumir a sua própria voz. Isto tem causado uma interrupção na progressão temática da sequência narrativa, quando se está construindo as ações que vão conduzir a história. A atitude comunicativa do papel do narrador passa a assumir papel de comentarista, situando o leitor na instância de uso num presente, quando se esperava uma ação passada.

Ainda para Weinrich, ao passar do comentar ao narrar, ou vice-versa, não se deve, porém colocar em perigo a compreensão, fazendo esta passagem num ritmo excessivamente rápido: deste fato decorre a exigência do emprego dos tempos do mesmo grupo, como limitação combinatória dentro de uma oração complexa, sendo a mudança permitida, apenas, além da fronteira da oração.

Porém, ao trocar o verbo dos mundos: narrado e comentado, os alunos não têm intenção de causar um efeito diferente ao texto, fazem-no sem perceber e no mesmo parágrafo, comprometendo a compreensão e a sua posição do narrador. Vejamos outro exemplo:

### **Trecho03**

Eles não queriam aceitar, pois não conheciam o garoto que implora para que eles o aceitassem, pois é um fã da banda que tocava, gostava muito e disse que estava feliz por ele ter conseguido.

Ao lermos o trecho 03, dificilmente, poderemos identificar a que tempo pertence a narrativa se é no presente ao momento em que é escrita, ou se há muito tempo depois. Ao mesmo tempo, ao misturar os tempos verbais deixa-se o diálogo indireto (distanciamento ao falar de algo, sobre algo) para adentrar ao diálogo direto (quando fala diretamente a pessoa que está ao seu lado.).

A princípio, vale ressaltar o papel do sujeito do discurso (narrador) na narrativa. Ele será nosso guia, tentará direcionar nossa leitura conforme sua perspectiva discursiva. Assim, é importante pensarmos a relação entre os elementos propriamente linguísticos (léxico, construções morfosintáticas) e o conteúdo ideológico expressos no texto.

Sendo o discurso a materialização do ideológico no texto, ele se constitui “pelo trabalho *com* e *sobre* os recursos de expressão, que produzem determinados efeitos de sentido em correlação com posições e condições de produção específicas. Temos, então, a nítida confluência entre o que é linguístico (enquanto sistema de normas abstrato, matéria inerte) e o que é ideológico (aquilo que dá sentido aos elementos, que dá vida ao sistema linguístico). Entre essas duas dimensões, a segunda desempenha, logicamente, uma função mais relevante para a produção de sentidos, utilizando-se da primeira para expressar seus anseios, crenças e valores. As estruturas linguísticas estão, assim, subordinadas às determinações ideológicas, e é no discurso onde essa confluência se realiza.

É uma relação de reciprocidade; no entanto, o ideológico determina a utilização de certos fatos linguísticos e não outros. As construções linguísticas servem como matéria prima, e são rigorosamente selecionadas, dando-nos pistas para compreendermos os efeitos de sentidos do texto; não sendo esse jogo com as palavras muitas vezes perceptível, tanto para o mesmo como para o outro, ou seja, os interlocutores podem não ter acesso consciente às manobras que executam e aos efeitos que assim (se) produzem. Isso porque eles estão inseridos em determinado contexto de produção. A interação verbal segue as condições de produção específicas do processo de enunciação em destaque; e são essas condições, tais como o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, os papéis que desempenham na sociedade, as imagens que fazem de si e do outro, que irão refletir e determinar o que se pode e deve falar para compartilhar a informação sem resquícios de ser mal entendido ou mal interpretado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao escrevermos um texto, devemos ter consciência de que temos que considerar o sujeito para o qual o produzimos, com o intuito de atendermos às expectativas do leitor, também seria interessante seguirmos certos padrões e regras para que nossos textos sejam bem compreendidos.

Mas para a maioria dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, isso não foi uma tarefa muito fácil, pois, ao serem solicitados a produzir uma narrativa com tema livre, deixaram de cumprir com as expectativas do leitor por faltar-lhes alguns domínios de conhecimentos.

Os problemas com a coerência foram visíveis porque os alunos tiveram dificuldades com o uso dos tempos verbais, pois misturaram tempos do mundo comentado com verbos do mundo narrado. Para Weinrich (1964), comentar é falar comprometidamente (p.69). O emprego dos tempos “comentadores” constitui um sinal de alerta para advertir o ouvinte de que o discurso exige a sua resposta (verbal ou não verbal). Sempre que o locutor emprega os tempos do mundo narrado, assume o papel do narrador, convidando o destinatário a converter-se em simples ouvinte como que toda a situação comunicativa se desloca para outro plano, isto é, além da temporalidade do mundo comentado, que deixa de ter validade enquanto durar o relato.

Ao misturar os tempos verbais do mundo narrado com o mundo comentado, o autor do texto deixa de ser narrador para ser comentarista e troca a sua posição indireta por uma direta. Os alunos cometem tais trocas sem intenção, o que pode prejudicar a compreensão do leitor e interromper a mensagem que o aluno deseja repassar, já que causa um certo bloqueio na progressão temática da sequência narrativa, quando se está construindo as ações que vão conduzir a história.

Este estudo contribui para que alunos e professores compreendam melhor o universo discursivo que o emprego dos tempos verbais oferece para o estudo do texto narrativo nas atividades com o gênero história de ficção em sala de aula.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADAM, J-M. **Lestextes: types e prototypes**. Paris: Nathan 1992.

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição**. Florianópolis: insular, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez , 1987.

\_\_\_\_\_ & Travaglia, Luiz Carlos (1989). **Texto e Coerência**. São Paulo Cortez.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

WEINRICH, H. (1964). **Tempus. Besprochene und Erzählte Welt**. Trad. Esp. Ed. Gredos, Madrid, 1968.